



Liberdade de gênero (2016) e a temática LGBT em narrativas documentais¹

Paulo Fernando Alves da Silva²

Ceiça Ferreira³

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Resumo: A partir das contribuições da teoria do documentário e dos estudos de gênero e sexualidade, este trabalho discute a abordagem da temática LGBT em séries e documentários brasileiros recentes e utiliza a série *Liberdade de gênero* (João Jardim, Canal GNT, 2016) como objeto de análise, indicando assim possíveis avanços nas formas de representação de tais sujeitos sociais.

Palavras-chave: Liberdade de gênero. Representações LGBT. Narrativas documentais.

Resumo expandido

Historicamente observa-se a predominância de caricaturas e visões limitadas sobre LGBT's (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) em representações audiovisuais, especialmente televisivas (na maioria das vezes são cômicas/engraçadas, não tem história (existem apenas por causa de sua orientação sexual), não tem família, não tem suas relações afetivas e sexuais mostradas, mesmo quando se tem um/a parceiro/a (COLLING,2007; BELELI, 2012).

Ao discutir a importância da visibilidade nos meios de comunicação, Freire Filho (2005) aponta que, todos os textos, imagens e sons que são feitos para “falar por” ou “falar sobre” minorias ou grupos sociais, por isso mobilizam militantes, organizações e geram pesquisas científicas que questionam como são construídas essas representações e quais discursos elas veiculam. Isso tem instigado novas abordagens em produções

¹ Trabalho apresentado à VI Semana do Cinema e Audiovisual da UEG. Goiânia, UEG- Campus Laranjeiras, 2017.

² Graduando do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Email: paullofernandoav@hotmail.com

³ Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB. Professora e pesquisadora do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Email: ceicaferreira@gmail.com



documentais sobre a temática LGBT, que expõem a diversidade sexual e problematizam a lógica heteronormativa (LOURO, 2008), como por exemplo os documentários *Dzi Croquettes* (Tatiana Issa, Raphael Alvarez, 2010), *São Paulo em Hi-Fi* (Lufe Steffen, 2013) e *Favela Gay* (Rodrigo Felha, 2014), que respectivamente abordam a história de um grupo de teatro que usava a irreverência para criticar a ditadura; as noites gays em São Paulo nas décadas de 1960, 1970 e 1980; e as vivências de homossexuais dentro das favelas cariocas. Somente este ano, já foram lançados os documentários *Laerte-se* (Lygia Barbosa, Eliane Brum, 2017) sobre a cartunista e chargista brasileira Laerte, que assume sua transexualidade aos 57 anos; *Divinas Divas* (Leandra Leal, 2017) que destaca os bastidores teatrais das primeiras artistas travestis brasileiras; e *Meu Corpo é Político* (Alice Riff, 2017) que aborda o ativismo nas periferias de São Paulo e mostra as dificuldades que os personagens passam na luta pelos direitos LGBT.

Também nesse contexto é que se situa a série televisiva *Liberdade de Gênero* (João Jardim, Canal GNT, 2016), que composta de 10 episódios, utiliza a estética documental para apresentar a história de 14 pessoas que transformaram suas vidas ao afirmarem/assumirem ter um gênero diferente do biológico e socialmente aceito, como a youtuber Amanda (conhecida na internet como Mandy Candy), a psicanalista e escritora Leticia Lanz (nascida com o nome Geraldo); o jovem Erick, que nasceu em um corpo feminino, mas sempre se viu como menino; a performer e atriz Wallace, que se define mulher trans não binária; e as atrizes trans, Glamour e Carol Marra, que relatam suas experiências no processo de transição de gênero.

De acordo com os modos de representação da realidade, elaborados por Nichols (2005), pode-se classificar a série *Liberdade de Gênero* no modo participativo, no qual o diretor a partir da entrevista/encontro constrói a representação do outro, mas trabalha numa perspectiva mais dialógica, que possibilita aos personagens a fabulação ou mesmo a performance, ao comentarem sobre suas experiências, sexualidades e identidades de gênero.



Considerando tais aspectos, a análise da maneira como a narrativa é construída em cada episódio e os usos da linguagem audiovisual aponta uma pluralidade de histórias e experiências, como pessoas não binárias (que não se definem segundo as categorias de gênero vigentes); homens e mulheres (brancas e negra) e em diferentes faixas etárias, o que evidencia a intersecção de gênero, raça, classe e sexualidade; e também a abordagem dos vínculos de cada personagem em suas diferentes formas de aceitação social e familiar.

Portanto, tal narrativa documental apresenta indícios de avanços nas formas de representação de tais sujeitos sociais, visto os/as reconhece não limitadas ao biológico, mas busca compreendê-los a partir de suas experiências e subjetividades, e assim confirma a possibilidade de transitar entre os territórios dos gêneros e das sexualidades, de ter modos diferenciados de se viver as sexualidades e os afetos.

Referências Bibliográficas

BELELI, Iara. "Eles [as] parecem normais": visibilidade de gays e lésbicas na mídia. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 3, n. 04, 2012.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. **Revista Gênero**, v. 8, n. 1, p. 207, 2007.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**. n. 28, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e Sexualidade. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.